

Um desafio às instituições de ensino

Numa sociedade cada vez mais conectada, ensinar e aprender são ações que acontecem de forma muito mais flexível, ativa e focada no ritmo de cada um. As tecnologias móveis desafiam as instituições a sair do ensino tradicional, em que o professor é o centro, para uma aprendizagem mais participativa e integrada, com momentos presenciais e outros a distância, mantendo vínculos pessoais e afetivos, estando todos juntos virtualmente. Podemos ir menos dias à universidade e continuar aprendendo de forma significativa. Isso implica ampliar a restrição dos 20% a distância nos cursos presenciais, mudar o currículo presencial e as metodologias de organização do ensinar e aprender (também no Ensino Médio). Os cursos serão, cada vez mais, semipresenciais e a distância, mas sempre com tecnologias em redes leves e móveis.

As novidades digitais facilitam a pesquisa, a comunicação e a divulgação em rede. As mais organizadas, como os ambientes virtuais de aprendizagem, permitem que tenhamos certo controle de quem acessa o ambiente e do que é necessário fazer em cada etapa do curso. Além dos ambientes mais formais, há um conjunto de tecnologias, que denominamos popularmente de 2.0, mais abertas, fáceis, gratuitas (blogs, podcasts, wikis...), nas quais os alunos podem ser protagonistas dos seus processos de aprendizagem e que facilitam a aprendizagem horizontal, isto é, dos alunos entre si, das pessoas em redes de interesse, etc. A combinação dos ambientes mais formais com os informais, feita de forma integrada, nos permite a necessária organização dos processos com a flexibilidade da adaptação a cada aluno.

Todos os processos se digitalizam, tanto os administrativos como os pedagógicos, tudo se integra com tudo, tudo e todos podem falar com todos. Isso agiliza a tomada de decisões, permite a horizontalização de processos entre os envolvidos, diminui a burocracia, torna as estruturas físicas mais compactas, e as acadêmicas, mais leves. Nos mesmos prédios, podemos colocar muito mais alunos, porque pode ser programada uma maior rotatividade de ocupação de espaços, uma diminuição do tempo necessário para estarem todos juntos nos mesmos lugares e tempos. Precisamos tornar a organização curricular mais semipresencial e flexível, com metodologias mais centradas nos alunos, na colaboração e na adequação a ritmos de aprendizagem diferentes.

Tudo isso exige mudanças organizacionais e legais profundas, que, até agora, não foram encaradas de verdade tanto pelos legisladores e órgãos educacionais reguladores como pelos mantenedores e gestores educacionais. Essas mudanças profundas ainda estão só no começo, mas nos desafiam a ser cada vez mais criativos e empreendedores. ■



José Manuel Moran
Professor de novas tecnologias
na USP (aposentado)
www.eca.usp.br/prof/moran